

CORDIVIOLA, Alfredo. *O Império dos Antagonismos. Escrita e imagens no ocaso da dominação espanhola na América*. Recife: Ed. Universitária EDUFPE, 2010.

Laura Janina Hosiasson

Como já apontara Irving Leonard em 1959, os séculos XVII e XVIII permanecem numa espécie de descanso noturno entre duas extenuantes jornadas da história hispano-americana: o descobrimento e as independências. Há pouco mais de uma década, a situação de desinteresse e a falta de conhecimento mais profundo e minucioso sobre o período continuava sendo a tônica dos estudos coloniais. Brilhavam, solitárias e excêntricas, algumas estrelas como as de Carlos de Sigüenza y Góngora e da esplêndida Sor Juana Inés de la Cruz, mas ao redor deles se desenhava horizonte achatado e uniforme de uma civilização ainda em fase de construção que tramitava tentativas de uma emulação infrutuosa, sempre deficiente, da metrópole espanhola. Esse desconhecimento e desinteresse foram ainda mais graves com relação ao século XVIII, então definido como a preparação do espírito nacional e independentista, feito uma linha reta. É interessante lembrar trabalhos como o de Anthony Higgins na *Revista de Estudios Hispánicos*, n. 35 (2001) em que se refuta a tese de que o poder colonial se encontrava exclusivamente em mãos dos espanhóis. Na segunda metade do século XVIII havia ‘*criollos*’ (espanhóis nascidos na América), mestiços e indígenas, que ocupavam cargos de poder e ostentavam fortunas suficientes para promover e justificar as lutas de independência da metrópole. A equação dos movimentos independentistas fincados na luta de oprimidos contra opressores é um dos equívocos do desconhecimento a respeito dos fluxos e refluxos particulares que constituem as dinâmicas do período.

O império dos Antagonismos é um livro de referência obrigatória para todo aquele que se interessar por um novo olhar sobre esse século XVIII hispano-americano. Lançando mão de uma prosa inteligente, bem escrita e salpicada de ricas reflexões gerais, o texto vai relacionando argutamente os prolongamentos de passado e presente e apresenta uma estrutura geral que poderíamos pensar em forma de leque. Isto é, o século XVIII vai sendo “penetrado” através de textos de índole muito heterogênea que mostram, na perspectiva de seus diversos pontos de vista, a complexidade interna de cada sociedade hispano-americana

às vésperas da Independência. A partir de um vasto *corpus* de documentos jurídicos, jornalísticos, religiosos (destaca-se aí o belo ensaio de Catalina de Jesús Herrera, freira equatoriana que se contrapõe e dá continuidade ao discurso de Teresa de Ávila) escritos por espanhóis, *criollos*, jesuítas no exílio e indígenas, Alfredo Cordiviola articula uma leitura dialética das múltiplas vertentes ideológicas, sociais, raciais e religiosas que se interpenetravam ao longo desse que seria o século antecipador dos movimentos independentistas e das formações nacionais de começos do século XIX. Aqui, graças a uma chave de leitura que o autor define como o antagonismo, podemos começar a perceber que rios levaram a essas transformações, os quais longe de fluir em leitos unívocos, convergindo num mesmo oceano, eram formados por afluentes, correntezas, desníveis e desvios de rumo capazes de tornar evidentes as muitas e contraditórias formas que a emancipação adotou na região.

O estudo de Cordiviola trabalha o tempo todo com a ideia de que a história se movimenta por um sistema de avanços e recuos que desenham uma paisagem sempre conflitiva de “energias anacrônicas liberadas pela colisão de tempos”. Paisagem a partir da qual podemos entender melhor os processos que caracterizam o embate constante entre atraso e progresso na realidade hispano-americana.

Como já se anuncia no subtítulo, para além dos textos, a leitura se debruça sobre imagens e começa pela descrição de uma lâmina que o autor trabalha como emblema de suas hipóteses: dois guerreiros indígenas numa luta de lanças. A cristalização pictórica de suas forças em pugna permanecerá no horizonte de todo o trabalho como espinha dorsal de sentido. Num movimento circular, o livro irá se fechar também com outras duas imagens, acareadas e enfrentadas entre si para completar a ideia de conflito permanente que passa todas as páginas do ensaio.

O percurso da leitura é traçado a partir de eixos teóricos explicitamente assumidos que mostram uma evidente postura política diante das opções da historiografia colonial na atualidade. São mencionados alguns dos expoentes das chamadas teorias pós-coloniais, Mignolo, Quijano, Dussel e Castro-Gomez, “entre outros”. Mas o desenvolvimento das leituras assim como a argúcia com que Cordiviola vai tecendo suas análises não cai na simples confirmação de hipóteses teórico-políticas, o que nos parece mais um ponto importante a seu favor, já que sabemos como essas tendências vão se inscrevendo elas também num curso temporal inevitável que as torna eventualmente superadas. Na verdade, a biblioteca do autor é bem mais ampla e universal, o que, sem cair no eruditismo e lançando mão a cada passo de ferramentas heterogêneas, lhe permite realizar conexões originais e enriquecedoras entre múltiplas pistas e portas de entrada desse universo contraditório, repleto de “fraturas e incongruências” que foi o da ilustração da sociedade colonial setecentista.

Fica, à maneira de coda, uma pergunta no ar. Ela já foi formulada por Sara Castro-Klaren em um pequeno ensaio, “In dialogue: A conversation on Colonial Studies Today” publicado na *Revista de Estudios Hispánicos*, n. 36 (2002). Os estudos coloniais em sua fase renovadora, a partir dos anos noventa, aplaudiram e promoveram a multiplicidade de enfoques e de disciplinas envolvidas na mesma causa de desvendamento dos conflitos do passado. Alfredo Cordiviola faz um engenhoso uso dessa pluralidade de métodos e enfoques. Ora, a pergunta que surge nesta leitura é como pensar a interseção da metodologia literária dentro da historiográfica? Onde são elas compatíveis e onde seus pressupostos epistemológicos se afastam numa disjunção contraditória? Levantar essa questão pode servir para repensar e assumir mais produtivamente a prática cada dia mais corrente das duas disciplinas em trabalho conjunto.